MORFEMAS DO PORTUGUÊS: CLASSES NO OSTRACISMO [43]

Claudio Cezar Henriques
(UERJ e ABRAFIL)

A discussão sobre como classificar as palavras é, entre outros tantos tópicos gramaticais, motivo de infindáveis reflexões e estudos. Ocorre, porém, que as teses e os projetos de pesquisa se sucedem, os gramáticos e os lingüistas publicam e republicam seus livros... e parece que a fonte nunca seca: as objeções, quando se prestam a algum resultado, viram soluções precárias, saídas pela tangente.[44]

Embora não seja pacífico o posicionamento teórico dos que se debruçam a analisar a estrutura dos vocábulos em português, parece haver consenso em um ponto: verbos, substantivos e adjetivos recebem descrição – poucos se lembram de que os advérbios também são palavras lexemáticas (cf. Bechara, 1999: 112).

Lembremos outrossim que, no estudo da estrutura dos nomes portugueses, costuma-se apresentar uma série de considerações sobre a sua conceituação. Isso se explica: embora o critério flexional (variação de gênero, número e caso) tenha sido sempre o ponto básico para que se fizesse a distribuição dos nomes de uma língua (englobando, nesse caso, os substantivos e os adjetivos do latim e do grego), muitos acham conveniente acrescentar um critério sintático a fim de que se possa reconhecer seus morfemas.

Neste artigo, não vamos tratar do grupo que poderíamos considerar o "centro de atenção" nos estudos da estrutura dos vocábulos (verbos, substantivos, adjetivos – e mesmo advérbios). Optamos por discutir os morfemas das classes gramaticais que estão no ostracismo da descrição, como "primas-pobres" que sequer têm o direito de possuir um morfema...

Mantida a relação consagrada pela tradição dos estudos gramaticais, que classes são essas a descrever? É o que veremos a partir de agora.

1. Numerais

Comecemos pelos numerais, palavras de função quantificadora, que denotam valor definido (cf. E. Bechara, 1999: 203) e que se apresentam como *cardinais*, *ordinais*, *multiplicativos* e *fracionários*.[45]

Na verdade, o reconhecimento dos "nomes dos números" como uma classe à parte merece reparos. Mais correto seria incluí-los no grupo dos substantivos ou dos

43 Versão adaptada de um dos capítulos do livro *Morfologia* (Rio de Janeiro; Campus/Elsevier, 2ª ed., 2008).

44 Em *A Classificação das Palavras*, Washington de Farias faz um interessante retrospecto das definições e propostas que contrapõem a "aceitação passiva da tradição gramatical" às "tentativas de reordenação e redefinição das classes". Sua conclusão, no entanto, não é muito animadora e se restringe a condenar a gramática tradicional e a oferecer "subsídios para uma abordagem mais didática e sistemática do assunto"...

45 C. Cunha & L. Cintra também identificam numerais coletivos: novena, dúzia, lustro, milheiro, par (*NGLP*, 2001: 370).

adjetivos, conforme sua ocorrência discursiva. Esse ponto de vista foi defendido ironicamente por Cândido Jucá, filho, há pouco mais de cinqüenta anos, em *132 Restrições...*: "No dia em que houver a categoria das cores, a categoria dos gordos, a categoria dos gelados – então poderá muito bem haver a categoria dos numerais." (p. 54)

Aliás, as próprias obras de referência transportam a contradição para a identificação de tais palavras. Ilustremos essa constatação com dois exemplos:

> - **ambos:** numeral (Aurélio); pronome indefinido (Houaiss); numeral (Dic. Luft); pronome indefinido (Priberam); numeral cardinal (CCunha&L Cintra); numeral cardinal ou pronome (Bechara, 1999);
>
> - **metade:** substantivo (Aurélio); substantivo (Houaiss); substantivo (Dic. Luft); substantivo (Priberam); numeral fracionário (CCunha&LCintra); numeral fracionário (Bechara, 1999).

Do mesmo modo que as obras se referem a "gentílicos", "coletivos", "epicenos", "superlativos", o tratamento dos numerais na classe dos substantivos e adjetivos permitiria fazer-se sua descrição gramatical a partir do que essas palavras realmente são, um subconjunto semântico nominal.

Enfim, observando-se as eventuais possibilidades de flexão de gênero e número e a atonicidade das vogais finais -a, -e e -o, os numerais apresentam a mesma estrutura dos nomes:

Rd	VT	DG	DN	Rd	VT	DG	DN
um	∅	∅	∅	*Um*	∅	a	∅
do	i	∅	s	*Du*	∅	a	*S*
quatr	o	∅	∅				
onz	e	∅	∅				
sext	∅	o	∅(s)	*Sext*	∅	a	∅(s)
décim	∅	o	∅(s)	*Décim*	∅	a	∅(s)
dupl	∅	o	∅(s)	*Dupl*	∅	a	∅(s)
dobr	o	∅	∅(s)				

Observação:

O cardinal "dois" é variante da forma "dous", que tem desinência de gênero. Embora mais coerente com a terminação **-us** do numeral masculino latino, "duos", a variante assumiu no português moderno a preferência no uso.

2. Pronomes

Quando se estuda a classe dos nomes, costuma-se citar a subdivisão que Mattoso Câmara (1980: 67-70) apresenta na classificação dos vocábulos formais. Nomes e pronomes figuram ali com as mesmas características, a saber:

Nome	**Pronome**
Substantivo: *termo determinado*	Substantivo: *termo determinado*
Adjetivo: *termo determinante de outro nome*	Adjetivo: *termo determinante de outro nome*
Advérbio: *termo determinante de um verbo*	Advérbio*: *termo determinante de um verbo*

***N. do A.:** São advérbios pronominais os locativos que se referem às pessoas do discurso: *aqui, aí, lá.*

Os pronomes, como os conhecemos nas descrições mais comuns, se distribuem em: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos (incluindo os interrogativos[46]) e relativos. À exceção dos indefinidos e relativos, os demais são a rigor pronomes pessoais, tendo em vista que nas séries dos possessivos e demonstrativos também figuram os vínculos com as pessoas gramaticais e do discurso: eu, me, mim, comigo, meu, este // tu, te, ti, contigo, teu, esse // ele, se, si, consigo, seu, aquele...

Quando apresentam flexões de gênero e/ou de número, os pronomes têm os mesmos morfemas que identificamos nos nomes, ou seja, desinência de gênero e de número. Os pronomes também podem ter uma vogal temática, que será reconhecida por critérios idênticos aos que se adotam na descrição de substantivos e adjetivos.

Lembrando que o conteúdo puramente morfemático do pronome explica-se pelo fato de que a base do pronome é constituída por morfemas convertidos (cf. Hjelmslev, 1991: 216), não vemos nenhuma incoerência em também chamar de radical o morfema que concentra o valor semântico pronominal.

Exemplificando:

	Rd	**VT**	**DG**	**DN**
EU	E	u	∅	∅
ME	me	∅	∅	∅
MIM	mim	∅	∅	∅
O(s)	∅	∅	o	(s)
COMIGO	co+mig	o	∅	∅
MEU(s)	me	∅	u	(s)
MINHA(s)	minh	∅	a	(s)
ESTE(s)	est	e	∅	(s)
ESSA(s)	ess	∅	a	(s)
AQUILO	aquil	o	∅	∅

[46] Para haver coerência, os pronomes chamados interrogativos deveriam coexistir com pronomes exclamativos: *Quem diria?* x *Quem diria!* Na prática, o que temos são pronomes indefinidos empregados em frases interrogativas ou exclamativas – ou mesmo interrogativo-exclamativas: – *Quem diria!?*

Os pronomes não-pessoais (indefinidos e relativos) têm peculiaridades semântico-sintáticas que não nos interessa discutir numa descrição de morfemas. Por isso, basta reconhecer que morficamente têm estrutura equiparável à dos substantivos e adjetivos.

Exemplificando:

	Rd	VT	DG	DN
TODO(s)	tod	∅	o	(s)
ALGUMA(s)	algum	∅	a	(s)
NINGUÉM	ninguém	∅	∅	∅
POUCO(s)	pouc	∅	o	(s)
CUJO(s)	cuj	∅	o	(s)
AS QUAIS[47]	as+qua	∅	∅	is
QUAISQUER	qua+quer	∅	∅	is
QUEM	quem	∅	∅	∅
QUE	que	∅	∅	∅

Em síntese, do ponto de vista mórfico os pronomes se comportam como matrizes de mesma potencialidade que os nomes[47], admitindo a formação de palavras derivadas com prefixo (**super**nosso[48]) ou com sufixo (nad**ica**, tant**inho**) e de palavras compostas com acréscimo à direita (meu-**consolo**) ou à esquerda (**padre**-nosso). A produtividade dessas formações não é farta, mas pode registrar usos expressivos, como vemos em:

> a) com sufixo diminutivo:
> Com certeza um dos melhores filmes brasileiros. Não consigo entender como o fantasioso A Vida É Bela ganhou o Oscar e ainda como **aquelazinha** do Shakespeare Apaixonado tirou o Oscar de Fernanda Montenegro. *Leandro Gantois* (Crítica do Leitor)
> (http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/central-do-brasil/central-do-brasil.asp)
>
> Os leitores se deparam também com o próprio autor das páginas da coluna social 'Íntimos e Chiques', travestido de '**euzinho**' permeando algumas informações num gesto que seria dispensável, como a seguir: '**Euzinho** cliquei algumas dessas poderosas para deixar a coluna ainda mais linda'. Ou 'Esses apaixonados (...) pela vida assim como **euzinho**...'
> (Regina Ribeiro: "Coluna de sociedade", *O Povo*, Fortaleza, 28/9/02)

47 Não nos esqueçamos de que o processo de gramaticalização transforma nomes em pronomes (e vice-versa): *(a) gente, homem, mesmo, ninguém, neguinho, próprio, tanto, vário.*

48 Também ocorre como nome de uma rede de supermercados em Belo Horizonte.

b) com sufixo superlativo:

Preparem-se: o Largo da Glória, no sopé do morro onde fica o Outeiro – com uma das mais belas vistas do Rio –, será **todíssimo** reurbanizado, com o fim do estacionamento das calçadas, e a volta da lindíssima fonte Adriano Ramos Pinto (...).
(Danuza Leão, *Jornal do Brasil*: 14/10/1998)

Eu gosto muito do verso de martelo, é um verso lindo, já escrevi **muitíssimas** coisas usando esse verso. Quis apenas fazer uma seleção dos que me pareciam mais representativos, e variados.
(Bráulio Tavares, em entrevista sobre o livro *Os martelos de Trupizupe*, publicada em http://www.sobresites.com/poesia/brauliotavares.htm)

c) com sufixo adverbial:

Schiller foi o grande poeta romântico alemão ao lado de Goethe e essa é uma de suas mais importantes peças. Não sei se a melhor, porém decerto uma das mais maduras, porque uma das últimas que escreveu, quando ele se desvencilhava do romantismo exacerbado da juventude. Faleceu dois anos depois de concluí-la, em 1805. Por sinal, em 2005 completam-se dois séculos de sua morte. Uma data que não pode **nenhumamente** passar em branco.

(http://guilhermelutti.blogspot.com/2005_10_01_guilhermelutti_archive.html)[49]

d) com reduplicação enfática:

Adriane Galisteu, a rainha da bateria **toda-toda** da Acadêmicos da Rocinha, ataca de ritimista entre seus "súditos" na festa de apresentação das fantasias, na quadra da escola, no sábado.

(Ancelmo Góis. *O Globo*: 05/12/2005)

e) com justaposição:

ZÉ-NINGUÉM: indivíduo sem importância, que não tem peso social e destituído de qualquer poder econômico; **joão-ninguém**.

(Dicionário Houaiss)
Na lata do poeta **tudonada** cabe / Pois ao poeta cabe fazer / Com que na lata venha caber / O incabível. / Deixe a meta do poeta, não discuta ...

(Gilberto Gil: "Metáfora", cd *UmBandaUm*, 1982)

49 Verbete consignado no DH e no AEXXI: "Adv. 1. De maneira nenhuma; absolutamente não."

3. Artigos, Preposições & Conjunções

Herculano de Carvalho (1974: v. I, 198-219) opõe *significação objetiva* (a das palavras dotadas de lexema) a *significação gramatical*, que subdivide em quatro espécies:

> - a *significação categorial* ou *classificadora* (que distribui as palavras em "classes formais", como o substantivo e o verbo, a partir do gênero, do número, do tempo, da pessoa);
>
> - a *significação relacional* ou *relacionadora* (que ordena os significantes sintagmática ou paradigmaticamente);
>
> - a *significação atualizadora* (que é própria de todas as formas de um determinado sistema de língua, que realizam ou contribuem para a passagem da pura virtualidade à atualização significativa dos signos lingüísticos); e
>
> - a *significação dêitica* ou *mostrativa* (que é realizada por certas formas lingüísticas que apontam ou mostram um objeto pertencente ao contexto real, extraverbal, ou ao que já foi ou vai ser imediatamente mencionado no contexto verbal).

À *significação categorial*, o autor chama de *significação gramatical de primeiro grau*; as demais são por ele denominadas *significações gramaticais de segundo grau.*

As palavras de que trataremos agora contêm as significações gramaticais de que fala H. de Carvalho. Os artigos contêm morfemas desinenciais de gênero e de número. As preposições acidentais são palavras oriundas de outra classe, que podem funcionar como preposição (exs.: *afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, não obstante, salvo*) e cuja estrutura mórfica é depreendida na sincronia do próprio sistema; e as essenciais (*a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob* e *sobre*[50]) são "prefixos virtuais" e preferimos assim considerá-las. As conjunções coordenativas[51] *e, nem, mas* e *ou* contêm apenas um morfema; as subordinativas, integrantes (*que* e *se*) ou adverbiais (*porque, pois, porquanto, como, que, embora, conquanto, suposto, caso, se, conforme, enquanto, quando*) – estas quando não são resultantes de justaposições sincronicamente comprováveis (*por + que = porque; com + quanto = conquanto*) ou quando não configuram situação de homonímia (*suposto = verbo/adj./conj.; caso = subst/conj.; como = adv./conj.; quando = adv./conj.*) – contêm também apenas um morfema: podemos chamá-los de "morfemas funcionais".

---

50 Nessa lista tão reiterada pela tradição didática, constam duas preposições arcaicas; *per* e *trás*. Mais adequado seria mencioná-las apenas nos estudos de história da língua.

51 O quadro mais conhecido de conjunções inclui uma grande quantidade de palavras que atuam como advérbio – e não como conectores oracionais (cf. Henriques, 2008: 105).

4. Interjeições

As interjeições são palavras ou expressões vinculadas à 1ª pessoa do discurso e será mais proveitoso estudá-las num capítulo que trate das funções da linguagem, por serem decorrentes das manifestações emotivas ou expressivas do falante. Por conta dessa excepcionalidade discursiva, as interjeições não têm como ser enquadradas em modelos formais – é exatamente este traço que lhes dá, na linguagem, uma qualidade única, qual seja poder ser representada sob a forma de um único vocábulo (*ui, oh, epa, tomara*), de um sintagma locucional (*meu deus!, ai de mim!*) ou de um grupo fraseológico (*Cai fora!, Vá lamber sabão!*).

5. Conclusões

Num estudo que pretenda examinar sincronicamente a estrutura dos vocábulos do português, a observação de todas as classes das palavras é compromisso de quem se disponha ao trabalho de descrição. Poucos são os estudos a esse respeito. Fica aqui, pois, uma despretensiosa contribuição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de Gramática do Português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CAMARA JR., J. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1980.

CARVALHO, José Gonçalo Herculano de. *Teoria da Linguagem*. 3 v. Coimbra: Atlântida, 1974.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, Diacronia e História: o problema da mudança lingüística*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

CUNHA, Celso Ferreira da & CINTRA, Luís Felipe L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FARIAS, Washington Silva de. *A Classificação das Palavras: revisão crítica*. João Pessoa: Editora UFPB, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa – versão 3.0 século XXI*. LACERDA, Carlos Augusto & GEIGER, Paulo, eds. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. CD-ROM.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2008.

_____ . *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2007.

HJELMSLEV, Louis. *Ensaios Lingüísticos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa - versão 1.0*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.

JUCÁ (filho), Cândido. 132 Restrições ao Anteprojeto de Simplificação e Unificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira. Rio de Janeiro: s/ed., 1958.

KEHDI, Valter. *Morfemas do Português*. São Paulo: Ática, 1996.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário Gramatical da Língua Portuguesa*. Porto Alegre: Globo, 1973.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia Portuguesa*. Campinas-SP: Pontes, 2002.

PRIBERAM. *Dicionário da Língua Portuguesa* – versão 1.0. Porto: Porto Editora, 1996. CD-ROM.

ROCHA, Luiz Carlos de A. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à Morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

SANDMANN, Antônio J. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

SILVA, M. Cecília P. de Souza e & KOCH, Ingedore Villaça. *Lingüística Aplicada ao Português: morfologia*. São Paulo: Cortez, 1997.